Romana Valente Pinho

RELIGIÃO E METAFÍSICA NO PENSAR DE AGOSTINHO DA SILVA

temas portugueses

PREFÁCIO

Em boa e na melhor hora — a das comemorações do centenário do nascimento de Agostinho da Silva — se publica este primeiro estudo sistemático sobre aquela que nos parece, não tanto uma vertente, mas o centro fulcral de onde irradia a prodigiosa constelação do seu pensamento, vida e obra: a experiência religiosa e metafísica, que, inseparável de implicações éticas e práticas, configura uma espiritualidade como o elo unificador das múltiplas feições e expressões do seu pensar e agir.

Profunda conhecedora e investigadora da obra agostiniana, incluindo do espólio inédito, que tem pesquisado em Portugal e no Brasil, Romana Valente Pinho oferece aqui ao leitor um seguro itinerário histórico-temático e hermenêutico que permite apreender claramente os pressupostos, os temas e as questões fundamentais do pensamento religioso e metafísico de Agostinho da Silva, simultaneamente na sua génese e na sua estruturação orgânica. Além de nos mostrar claramente a presença de preocupações religiosas e metafísicas desde o início e ao longo das várias fases da vida e obra do autor, este estudo ousa pela primeira vez abordar aprofundadamente a questão das várias fontes do pensar agostiniano, tarefa difícil num pensador que quase nunca optou pela sua clara referência e explicitação. Desde os estudos clássicos às preocupações pedagógicas e políticas, na interlocução com o racionalismo sergiano, desde a relação com Leonardo Coimbra e a adesão ao paradigma cristão até ao influxo da experiência brasileira, mediado por contactos e relações com Jaime Cortesão, Gilberto Freyre, Eudoro de Sousa e Vicente Ferreira da Silva, além da religiosidade africana, desde o florescimento do catolicismo cristão num catolicismo paraclético e ecuménico, inspirado em Joaquim de Flora e na mitologia quinto-imperial portuguesa interpretada por Camões, Vieira e Fernando Pessoa,

até às afinidades com o Oriente taoísta e budista-zen predispostas pela matricial presença de Espinosa, somos esclarecidos sobre o vasto universo de vozes e diálogos implícitos que só por vezes se entremostra no pensamento eloquente e paradoxal do Professor.

Para além disso, a presente obra tem o mérito de mostrar e destacar a originalidade e futuridade da obra agostiniana, quer no tratamento do problema do mal, onde se inscreve na tensão do pensamento português contemporâneo para o libertar dos limites da sua colocação tradicional, quer no que respeita ao que cremos ser um dos maiores e mais positivos contributos do pensamento agostiniano para as urgências do mundo presente e futuro: a fundamentação e a prática de um ecumenismo movido por um diálogo intercultural e inter-religioso à mais ampla escala, ou seja, excedente dos limites confessionais numa espiritualidade aberta a todas as experiências e tradições religiosas, em plano de igualdade, mas também a todas as experiências e tradições não religiosas, como o agnosticismo e o ateísmo. Como gostamos de realçar, Agostinho não só antecipou, em mais de meio século, a importância que hoje, por razões evidentes e dramáticas, se dá a esta questão, como o fez a um nível ainda não superado nem sequer aproximado. Cremos que essa generosa abertura e profundidade se deve ao facto de Agostinho, nesta como em quase todas as questões do seu pensamento e acção, se não cingir aos limites sempre estreitos e conceptuais de posições doutrinais, mas partir antes de uma experiência de Deus ou do absoluto como o «nada que é tudo», onde todos os opostos coincidem, afim à melhor tradição não-dualista ocidental e oriental e ao impulso de «transantinomização» que Romana Pinho bem destaca, que o pensador comunga aliás com a mais característica vertente do pensamento português contemporâneo, desde

Antero de Quental a Eudoro de Sousa, passando por Bruno, Pascoaes, Raul Leal, Pessoa, Leonardo Coimbra e José Marinho.

Finalmente, deve registar-se e enaltecer-se, por não ser comum, que tudo o que atrás se diz a presente obra o faz mostrando-se capaz da melhor homenagem que se pode prestar a um autor: pensar com ele e a partir dele próprio, num esforço de rigorosa compreensão histórico--hermenêutica que se cumpre numa autonomia crítica e especulativa. O que faz deste estudo um exercício que, sendo de segura hermenêutica filosófica, não deixa de anunciar outros e mais largos voos da autora. O que se aplaude e espera.

PAULO BORGES

com amor infinito,
à Maria e ao Manuel, ao Amon, aos meus pais

ANTELÓQUIO

O nosso primeiro contacto com o pensamento de George Agostinho Baptista da Silva (1906-1994) deu-se, em 1990, através da exibição, na televisão pública portuguesa, do programa *Conversas Vadias*. Provavelmente pela nossa falta de maturidade, não lhe demos suficiente atenção. Só mais tarde, quatro anos depois, e pela roda do acaso e do destino, nos deparámos com a obra *Sete Cartas a um Jovem Filósofo*. Nesse ano, que corresponde ao nosso primeiro ano de Faculdade e aos primeiros meses da *outra vida* de Agostinho, tentámos circunscrever, tanto quanto nos fosse possível, a obra que já havia sido editada do autor. Com o tempo, e sobretudo com a aquisição dos *Dispersos,* passámos a compreender que o pensador que havíamos eleito não só tinha escrito demasiadamente como se havia debruçado por múltiplas questões. De tal maneira que os tempos que se seguiram foram dedicados à selecção do tema e à sistematização dos textos, uma vez que, devido à imensidão de escritos e ao carácter de assistematização externa que a obra de Agostinho encerra, é deveras complexo realizar-se um trabalho coerente e sistemático sem a postulação desses dois pressupostos. Assim, só nos fins de 2000 definimos o nosso tema, sabendo, contudo, que o trabalho de sistematização não estava terminado. No fundo, desde então até agora, temos consciência de que fôramos, a todo o instante, mais do que simples alunas de hermenêutica; porventura, George Agostinho convidou-nos a decifrar a sua letra irreverente e provocatória e o seu espírito denso e percuciente, conduzindo-nos para trilhas nunca percorridas: aí descobrimos polémicas políticas, pedagógicas e religiosas que, ainda hoje, permanecem quase escondidas

do público em geral, confrontámo-nos com a diversidade de ser e pensar do autor, conhecemos temáticas jamais sonhadas por nós. Para além disso tudo, aproximámo-nos do nosso pensador enquanto homem e enquanto humanista, graças ao contacto que estabelecemos com a Associação Agostinho da Silva (Lisboa) e às viagens que fizemos em Portugal, Espanha e Brasil para compreendermos melhor a sua demanda.

A obra que agora apresentamos é a edição da tese de mestrado que apresentámos à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2004), sob a orientação do Prof. Doutor Paulo Borges, e que denominámos de *Religião e Metafísica no Pensar de Agostinho da Silva*. Para além de ser uma dissertação de mestrado típica, em que se defende a originalidade de pensamento de um autor, é também uma tentativa hermenêutica de compreensão dos múltiplos fundamentos histórico-filosóficos que sustentam a sua obra e que, por vezes, são omitidos ou até desvalorizados. Nesta perspectiva, queremos acentuar que a originalidade do pensar agostiniano é, quase paradoxalmente, uma explicitação exaustiva e indiscutivelmente modificada das grandes tradições sapienciais. Cremos que a sua proposta e originalidade reside precisamente nessa convergência. De tal modo que chega a ser difícil em determinados contextos atribuirmos a origem das suas palavras. Em George Agostinho Baptista da Silva, tudo o que de si sai ou que por si é escrito é resultado de uma maturação e profusão de tal ordem que se torna complexo avaliarmos a originalidade, ainda que obviamente parcial, do seu pensamento. Sobretudo quando, ao longo de mais de sessenta anos de vida intelectual, fez poucas referências objectivas e aprofundadas à sua leitura electiva. É certo que aludiu incontavelmente a Lao Tse, a Santa Teresa de Ávila, a Camões, a Espinosa e a Pessoa; no entanto, não fez destas doutrinas uma hermenêutica sistemática, uma análise exclusiva. Conquanto, a sua proposta não se afasta demasiado daquilo que aprendeu com a tradição. Mas se, por vezes, não o faz categoricamente, fá-lo nas entrelinhas. E quando não o diz ou escreve objectivamente, a sua história e o seu percurso de vida dizem-no por si.

Se colocarmos em evidência as suas teses filosóficas, religiosas ou até ético-políticas, chegamos à conclusão de que elas não surgem desenraizadas nem sequer descontextualizadas da sua biografia literária e académica. No fundo, o que queremos

destacar é que, ao contrário do que a crítica tem vindo a proclamar, Agostinho da Silva é um pensador assaz esclarecido, culto e erudito, injustamente conotado com uma sabedoria do senso comum, com a inconsistência filosófica, com as profecias de bairro e com uma originalidade tão peculiar que não pode sequer ser colocada em causa. Ora o que, a todo o instante, tentamos fazer no nosso escrito é abordar Agostinho quanto à sua originalidade. E se, de facto, o consideramos um dos autores mais radicais do pensamento português contemporâneo, por outro lado estamos conscientes de que está em contacto directo com a tradição e em diálogo constante com a sua contemporaneidade. Afinal, a sua originalidade não é tão-só um rasgo de luz que surge por entre uma sombra inabitada e vazia ou por entre uma intelectualidade inconsistente e confusa. Ao revés, é uma característica maior de quem soube interpretar o que está à sua volta de uma forma pertinente, aguçada e atenta. Para ilustrarmos aquilo que defendemos, basta aludirmos a alguns exemplos da sua vida e do seu percurso intelectual.

Não é por acaso que, em 1924, Agostinho entra para a Faculdade de Letras do Porto para cursar Românicas, como também não é por acaso que só depois de ter chegado de Madrid, em 1936 (onde esteve a estudar os místicos espanhóis, especificamente Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz), é que começa a interessar-se pelo debate inter-religioso, como também não é arbitrário o seu interesse pelo Culto do Espírito Santo e pelo ecumenismo apenas na sua vivência de Brasil, como também não será de estranhar que, já quase no fim da sua vida, Agostinho continue a defender a imortalidade da alma e a crença na reencarnação. Se analisarmos todos estes aspectos, verificamos que há, na obra agostiniana, um fio condutor de natureza racional que não depende apenas do sentido de originalidade. Afinal, George Agostinho escolhe estudar Românicas por influência dos seus professores no Liceu Rodrigues de Freitas (o que é certo é que o nosso autor começa a ler a grande literatura portuguesa e francesa aos 13 anos. Tal como nos conta em *Caderno de Lembranças,* nessa época, já lia Voltaire, Stendhal, Victor Hugo, Corneille, Racine, Camilo Castelo Branco, Camões); entusiasma-se pela multiplicidade religiosa só depois de ter lido os místicos espanhóis; interessa-se pelo Culto do Espírito de Santo no Brasil porque é lá que se deixa contagiar pela sabedoria de Jaime Cortesão; defen-

de categoricamente o ecumenismo só depois de ter tido contacto com as múltiplas formas de religiosidade da América do Sul; faz a apologia da imortalidade da alma ou da crença da reencarnação porque desde sempre se mantém fiel aos postulados gregos, aos ensinamentos orientais e às experiências espirituais vividas essencialmente na Argentina, no Uruguai e no Brasil.

Para compreendermos o pensamento de Agostinho da Silva, mormente o seu percurso espiritual, no nosso caso através da religião e da metafísica, é conveniente aclamarmos que o autor é muito mais do que a imagem de um velho de barbas simpático que dá milho aos pombos do Príncipe Real e que discursa, na televisão, sobre todos os temas que lhe aparecem. Se não fizermos essa mediação, ainda que a sua obra não saia prejudicada em termos filosóficos ou intelectuais, corremos o perigo de permitir que aqueles que ignoram toda a demanda do nosso autor o continuem a carimbar de profeta, messias, líder religioso, xenófobo, filósofo de bairro, ídolo *pop-star*. Deste modo, embora velho simpático e sábio interlocutor, o nosso pensador é também, e essencialmente, um homem que durante mais de sessenta anos se evidenciou como professor de quase tudo (filologia clássica, filosofia, história, línguas variadas…) e como escritor de vasta dimensão. A sua obra não se restringe a uma ou a outra vertente, mas espraia-se pela política, pela pedagogia, pela filosofia, pela ética, pela história, pela religião, pela entomologia, pela literatura, pela ciência em geral… A bem da razão, Agostinho é um autor enciclopédico. E se, nos fins da sua vida, foi menosprezado por aqueles que defendem a especialização, na sua juventude e protomaturidade Agostinho da Silva é um enciclopedista aclamado por todos (desde operários semi-analfabetos a professores primários e universitários, a presos políticos e reconhecidos intelectuais).

Na nossa obra, tendo em conta a imensidão sapiencial do autor, tivemos que optar por uma área específica. E se não temos reticências em assumir a relevância das vertentes pedagógica e política de George Agostinho, por outro lado, temos consciência de que o objectivo maior da obra agostiniana é a espiritualidade, a saber, a religião e a metafísica. E se é uma convicção nossa, não deixa de ser acentuada pelo próprio autor quando afirma, em *Educação de Portugal:* «O que me interessa é o espírito!» Sem descurarmos os meios que promovem o fim, o nosso estudo tenta constituir-se como uma biografia espiritual ou como uma análi-

se metafísica do percurso religioso do autor. Nesta perspectiva, é-nos impossível não fazermos a constelação dos principais momentos que formam o *corpus* agostiniano nos termos que aqui propomos. Ou, quiçá, no seu todo. Afinal de contas, estamos hoje em condições de afirmar que os objectivos da religião ou da metafísica, enquanto metas finais, não se dissociam essencialmente dos objectivos políticos ou pedagógicos, mesmo que estes sejam apenas uns simples meios. Possivelmente diferenciam-se tão-só na sua aparência. No fundo, é provável que tal cisão não passe de um mero sofisma ou filosofema.

Assim, o escrito que ora apresentamos é uma análise pormenorizada do caminho intelectual e da opção metafísico-religiosa do autor. Neste aspecto, não pudemos ignorar os seguintes passos: os pressupostos sócio-pedagógicos e ético-religiosos do jovem Agostinho da Silva (que estão, incontornavelmente, associados à sua formação clássica e ao seu amor pela civilização grega); a interlocução com o mundo racionalista de António Sérgio, que, ao contrário do que se possa pensar, não se limita a um diálogo pedagógico e político, mas também a uma conversação metafísica; a apologia do cristianismo primitivo, que conduz Agostinho a uma reaproximação de Leonardo Coimbra e, por outro lado, a uma experiência conturbada com a sociedade portuguesa do início dos anos 40 (mormente com a comunidade religiosa e política da época); a vivência do Brasil, que vem acrescentar à sua demanda e à sua obra características ecuménicas, essencialmente o catolicismo humanista e ecuménico, de alguma forma motivado pelo contacto com Jaime Cortesão e pela apreciação da leitura luso-tropicalista de Gilberto Freyre, a aproximação à religiosidade africana e a relação com pensadores de cariz metafísico, como Vicente Ferreira da Silva e Eudoro de Sousa, que, à época, também viviam em terras brasileiras; a defesa de tal universalismo reforça-se com a sua afinidade a Luís de Camões, ao Padre António Vieira, a Fernando Pessoa e à sua interpretação, ainda que radical e espiritualmente franciscana, de Joaquim de Fiore; a edificação de um postulado metafísico que, para além de se auto-sustentar, recorre à tradição oriental e ocidental, especificamente ao taoísmo, ao budismo-zen, à cultura clássica, ao neoplatonismo, a Nicolau de Cusa, aos místicos espanhóis, a Espinosa, a Hegel e a Nietzsche.

Apesar de podermos ser alvo de algumas críticas no que diz respeito ao esforço hermenêutico que imprimimos ao nosso escri-

to para contextualizar Agostinho da Silva nas tradições ocidental e oriental, estamos convictos de que tal trabalho não é um exagero hermenêutico nem sequer uma tentativa forçada de enquadrar o autor em qualquer grelha conceptual. Embora Agostinho da Silva se manifestasse algumas vezes contra o legado filosófico, afirmando que não gostava de filosofia ou que não tinha lido o que era essencial, de outro modo, a si próprio se traía quando, nos seus textos, objectiva ou sub-repticiamente aludia ou aprofundava aquilo que outrora tinha negado. Desta forma, não é importante acentuarmos a incoerência formal do autor, mas sim a sua coerência essencial. Sobretudo quando, durante seis décadas, constitui um *corpus* literário e filosófico que não é infundado sobre todos os aspectos. Aqueles que se referem à sua própria estrutura particular e aqueles que dizem respeito à sua universalidade, à sua conversação com a herança sapiencial.

Por todos os motivos que até agora apontámos e por todos aqueles que escreveremos na presente obra, cremos que George Agostinho Baptista da Silva jamais pode ser caracterizado como filósofo de bairro. Nem na sua forma, já que calcorreou grande parte do mundo, estando em contacto com as mais variadas sensibilidades culturais, religiosas, políticas; nem no seu conteúdo, na medida em que a sua obra é uma pista para a compreensão dos temas e dos problemas universais que, em qualquer tempo, têm preocupado o ser humano.

Finalmente, queremos agradecer a todos aqueles que contribuíram para que este trabalho se tornasse exequível, muito especificamente:

- ao nosso orientador, Prof. Doutor Paulo Alexandre Esteves Borges, por toda a orientação dada ao longo da pesquisa e da escrita da dissertação de mestrado mas, em especial, pela liberdade concedida e pela confiança que sempre depositou no nosso projecto;
- ao Amon Pinho, pela cessão de textos e documentos por si investigados, tanto de Agostinho da Silva como de outros autores, e pelas orientações temáticas e bibliográficas que nos forneceu para o desenvolvimento das teses que relacionam os pensamentos de Agostinho da Silva e de Gilberto Freyre e para a

ligação do nosso autor com a religiosidade afro-brasileira do Candomblé;

- ao Prof. Pedro Agostinho da Silva, pelos inúmeros depoimentos concedidos e conversas informais, que nos revelaram factos preciosos para o adensamento da obra, como pelo acesso irrestrito ao espólio de Agostinho da Silva depositado nos seus arquivos pessoais;
- à Associação Agostinho da Silva, pelo apoio e por todas as facilidades de investigação concedidas, bem como a todos os seus membros pela amizade, carinho e incentivo, especialmente aos amigos e sócios fundadores José Branco Rodrigues, Natália e José Avelino Lima de Faria e Manuel Pina;
- à Dr.ª Helena Briosa e Mota, pela cessão do processo da PIDE/DGS por si levantado e recolhido;
- à Prof.ª Doutora Constança Marcondes César, pela generosidade, pela disponibilidade e pela confiança que sempre manifestou em relação ao nosso trabalho e ainda pelas inúmeras conversas em torno da tríade luso-brasileira Agostinho da Silva, Eudoro de Sousa, Vicente Ferreira da Silva;
- a todos os professores que nos orientaram nos seminários de mestrado;
- a todos quantos nos facultaram textos, documentos, livros e correspondência pessoal com Agostinho da Silva.

ÍNDICE GERAL

Prefácio 7

Antelóquio 13

Introdução. Da futuridade da obra de Agostinho da Silva ou da promoção de um debate inter-religioso 21

Cap. I. As civilizações clássicas e a *Idade de Ouro:* os pressupostos sócio-pedagógicos e ético-religiosos de Agostinho da Silva 47

Cap. II. Reflexões sobre educação, política e metafísica, a interlocução com o mundo racionalista de António Sérgio 63

Cap. III. A apologia do cristianismo primitivo 101

1. O reencontro com Leonardo Coimbra: para uma filosofia da graça 101
2. Os confrontos ideológico-políticos com a mundividência do regime salazarista 134
3. *Conversação com Diotima:* do paradigma helénico ao paradigma cristão 145

Cap. IV. A vivência do Brasil 173

1. O catolicismo humanista e ecuménico de Agostinho da Silva — os contactos com Jaime Cortesão e Gilberto Freyre 173
2. A aproximação à religiosidade africana 223
3. Agostinho da Silva e o pensamento luso-brasileiro: as relações com Vicente Ferreira da Silva e Eudoro de Sousa 234

Cap. V. O ecumenismo agostiniano: Espírito Santo e Quinto Império 255

1. Uma concepção de Trindade: reflexões a partir de Joaquim de Fiore 255
2. A identidade ontológica entre o reino do Espírito Santo e a Ilha dos Amores 271
3. Sobre a atemporalidade do Império: os contributos de António Vieira 277
4. A superação da ideia quinto-imperial de Fernando Pessoa 291

Cap. VI. Deus, Ser e Nada 311

1. Afinidades com o Oriente ou de um Deus que é Nada 311
2. *De coincidentia oppositorium* 327
3. Da amorosidade divina e de uma ética santa 340
4. No limiar da razão e da mística: a repercussão de Espinosa 348
5. Do espírito como absoluto 376
6. Para uma divindade positiva: a cosmicização do Homem e da Natureza 383

Conclusão. Uma sugestão para o problema do mal: a originalidade do pensamento de Agostinho da Silva 393

Bibliografia 411

Índice onomástico 465

Índice temático 471